

O pão é uma terceira mão: não coma só com duas
Miguel Esteves Cardoso –Público – 7 de outubro de 2023

(...) As boas maneiras são a pior distração de todas. A maioria das pessoas deixa de prestar atenção quando vê que os outros têm uma maneira de estar à mesa que não é igual à dela. (...) A diferença é que é interessante.

Digo isto porque a coisa que mais me fascinou quando fui trabalhar para a Lisnave, tinha eu 14 anos e só uma cadeira para estudar (tinha sido expulso das aulas de Matemática), foi a maneira de comer dos operários.

Era uma cantina gigante, onde se comia bem, com vastas mesas corridas. Ia-me sentar ao lado dos operários que pareciam bons garfos, só pelo prazer de vê-los comer.

Sabiam comer. Sabiam respeitar a comida. Punha-me atrás deles na linha e copiava tudo o que eles faziam. Tudo o que eles punham no tabuleiro, eu punha no meu: mesmo o vinho tinto com peixe cozido.

Antes de começarem a comer, não falavam. Era o silêncio da fome. Arregaçavam as mangas. E eu arregaçava as mangas: é muito boa ideia.

bem estar à mesa" e vira as costas, cheia de nojo, sem interesse nenhum em descobrir a maneira diferente de estar à mesa que aqueles outros têm.

Todas as tribos têm boas maneiras. Não são é iguais: a diferença é que é de respeitar. A diferença é que é interessante.

Digo isto porque a coisa que mais me fascinou quando fui trabalhar para a Lisnave, tinha eu 14 anos e só uma cadeira para estudar (tinha sido expulso das aulas de Matemática), foi a maneira de comer dos operários.

Era uma cantina gigante, onde se comia bem, com vastas mesas corridas. Ia-me sentar ao lado dos operários que pareciam bons garfos, só pelo prazer de vê-los comer.

Sabiam comer. Sabiam respeitar a comida. Punha-me atrás deles na linha e copiava tudo o que eles faziam. Tudo o que eles punham no tabuleiro, eu punha no meu: mesmo o vinho tinto com peixe cozido.

Antes de começarem a comer, não falavam. Era o silêncio da fome. Arregaçavam as mangas. E eu arregaçava as mangas: é muito boa ideia.

Entalavam o guardanapo na gola: outra boa ideia, que eu sigo até hoje. Há coisa mais alegre do que ter um guardanapo pendurado ao pescoço, à espera da primeira garfada?

Mas o que mais me impressionou foi a maneira como usavam o pão. Arrancavam um bocado e esse bocado servia de vassoura, de ensopador, de colher, de esfregona e de empurra-comes.

Mal o bocado de pão ganhava o sabor que procurava, mal conseguia apanhar a medida certa de molho, saltava para a boca, às vezes atirado, como quem faz pontaria à boca de um elefante.

Alguns mestres passavam o almoço inteiro com um pedaço de pão na mão, como se o pão fosse o companheiro dilecto da faca. E a refeição acabava quando acabava o pão.

Há povos que têm o arroz e outros têm as massas. Mas nós temos o pão. Faz algum sentido comermos tantas pizzas e tantas pastas e virarmos as costas ao pão?

A refeição à volta do pão está em franco declínio, mas é portuguesíssima. Não percebo que se diga tanto mal do pão. E os hidratos de carbono que se comem para não comer pão? São melhores?

A pergunta antiga era "tens alguma coisa para comer com o pão?". Agora é "queres algum pão para comer com isso?" E a resposta, cada vez mais, é "Pão? Deus me livre!"

O pão é uma massa que já está feita: está pronto para comer, com todas as coisas com que se come massa. Muitas vezes como amêijoas à Bulhão Pato num restaurante onde está muita gente a comer esparguete com amêijoas (a que chamam *vongole* como se tivessem acabado de chegar de Itália). Com o meu pão apanho muito melhor o molho do que qualquer massa, até porque o pão faz de pinça perfeita, podendo recolher numa almofadinha de trigo, um trevo de coentros, uma unha de alho e duas amêijoas e depois dar uma volta à travessa para ensopar a bucha.

Fazia-se o mesmo com as carcaças. Abria-se uma ao meio e punha-se lá o que houvesse: um carapau, um panado, um queijinho seco, um filete. O que não cabia num pão era de interesse secundário.

Não interessa nada a quantidade de arroz que comemos: Portugal é um país de pão e vinho. A tragédia é haver tanta gente a escandalizar-se quando vê alguém a comer um arroz de polvo com um bocado de pão na mão.

É tempo de arrepiar caminho. Não estamos a enganar ninguém.

Há algum português que não goste de pão?

Cada vez é mais difícil encontrar um português que come todo o pão que lhe apetece.

<https://www.publico.pt/2023/10/07/fugas/opiniao/pao-terceira-mao-nao-coma-so-duas-2065573>